HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO

DOI:

e-ISSN:2318-1540

VIOLÊNCIA FÍSICA E VERBAL SOFRIDA POR DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE DOURADOS- MS

PHYSICAL AND VERBAL VIOLENCE EXPERIENCED BY PHYSICAL EDUCATION TEACHERS IN MUNICIPAL SCHOOLS IN THE CITY OF DOURADOS, MS

Talisson Henrique Ferreira[1]

Cássia Cristina Furlan[2]

Resumo. A violência, no contexto escolar, tem sido tema cada vez mais recorrente. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar a violência no ambiente escolar contra os/as professores/as de Educação Física de escolas públicas da rede municipal de ensino da cidade de Dourados-MS e compreender de que modo a violência no contexto escolar tem afetado a vida profissional desses/as docentes. Trata-se de um estudo qualitativo com professores/as que atuam há pelo menos um ano na Educação Básica. Os dados foram obtidos por meio de questionários. Conclui-se que grande parte dos/as professores/as pesquisados/as, cerca de 55,1%, já sofreram algum tipo de violência e

1 Gruaduação em Educação Física. E-mail. talissonhenriqueferreira10@hotmail.com

2 Doutora (2017) e Mestre (2013) em Educação pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (2009) e Pedagogia pela Faculdade Instituto Superior de Educação do Paraná (2016). Especialista em Educação Profissional integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos - PROEJA pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - CP (2011). Docente Adjunta na Universidade Federal de Grande Dourados - UFGD (Graduação em Educação Física - Faculdade de Educação) e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UFGD). E-mail: cassiafurlan@ufgd.edu.br

que a falta de respeito e as agressões físicas e verbais têm afetado a vida profissional do/a docente, ocasionando prejuízos ao/à profissional ao longo da sua jornada, como a desmotivação no trabalho, estresse mental, crise de ansiedade, insegurança e sentimento de tristeza, prejudicando suas práticas educativas.

Palavras-Chave: Violência escolar. Professores. Práticas educativas.

Abstract: Violence, in the school context, has been an increasingly recurring theme. In this sense, this work aims to analyze violence in the school environment against physical education teachers in public schools in the city of Dourados-MS and to understand how violence in the school context has affected the professional life of these teachers. This is a qualitative study with teachers who have been working for at least one year in Basic Education. The data were obtained through questionnaires. It is concluded that most of the surveyed teachers, about 55.1%, have already suffered some kind of violence and that the lack of respect, physical and verbal aggressions have affected the professional life of the teacher, causing damages to the professional throughout his/her journey, such as discouragement at work, mental stress, anxiety crisis, insecurity and feeling of sadness, thereby impairing their educational practices.

Keywords: School violence. Teachers. Educational practices.

Introdução

A violência contra docentes deve ser compreendida como fenômeno multidimensional, produzido nas relações escolares, mas também atravessado por desigualdades sociais, precarização do trabalho docente, fragilização da autoridade pedagógica e ausência de políticas institucionais de prevenção. No caso da Educação Física, as especificidades relacionadas ao espaço das aulas, ao corpo, à exposição dos/as estudantes, às práticas competitivas e à menor legitimidade atribuída ao componente curricular podem ser elementos que intensificam conflitos e produzem formas específicas de violência física e verbal contra professores/as.

Nesse contexto, o presente estudo propõe-se a conferir visibilidade aos casos de violência perpetrados contra professores/as, com o objetivo de ampliar a conscientização acerca dessa problemática e contribuir para a redução e o enfrentamento da violência escolar direcionada a esses/as profissionais. Busca-se, igualmente, fomentar a compreensão, por parte dos/as profissionais da educação, da relevância de ações voltadas ao combate e à prevenção dessas ocorrências, bem como suscitar reflexões sobre estratégias de enfrentamento no âmbito escolar. Ademais, ressalta-se a necessidade de ampliação das investigações sobre a temática, tendo em vista a recorrência de episódios de violência contra docentes nos últimos anos e a insuficiente mobilização pública diante desse fenômeno, fatores que podem colaborar para a legitimação, minimização e banalização dessas práticas no cotidiano escolar.

Nessa perspectiva, elencamos como problema de pesquisa: Quais sentidos e percepções os/as docentes atribuem às experiências de violência física e verbal vivenciadas no contexto escolar das escolas municipais de Dourados/MS?

Para tanto, o presente estudo buscou analisar a ocorrência de casos de violência no ambiente escolar causada contra os/as docentes das escolas públicas de rede municipal de ensino da cidade de Dourados (MS). Assim, como objetivos específicos, procurou-se: a) descrever relatos de violência sofrida, identificando percepções e sentidos atribuídos por docentes com relação aos fatores que levaram à violência e b) compreender de que modo a violência no contexto escolar tem afetado a vida profissional dos/as docentes.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório. Inicialmente, realizou-se um estudo bibliográfico, buscando artigos que fizessem discussões relacionadas ao tema em diferentes bases de dados, como Scielo e o Google

Acadêmico. Além disso, foi realizada uma pesquisa de campo, visando estudar a realidade da docência em Dourados, no estado do Mato Grosso do Sul. Nessa etapa, foram utilizados como instrumento para a coleta de informações questionários com perguntas abertas e fechadas, direcionados aos/às professores/as da rede pública da cidade. As perguntas objetivavam identificar casos de violência contra os/as docentes, buscando compreender de que modo a violência no contexto escolar tem afetado a vida profissional desses docentes.

O estudo foi aplicado no projeto de extensão “formação pedagógica para professores da rede municipal de Dourados-MS”, desenvolvido em parceria entre a UFGD e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Participam do projeto cerca de 55 professores/as da rede municipal de ensino. Ele ocorreu ao longo dos anos de 2019 e 2020 com encontros mensais e todos/as os/as docentes envolvidos no projeto são formados e atuam na área da Educação Física.

O questionário foi aplicado durante um dos encontros e nesse dia estavam presentes cerca de 40 professores/as, dos quais somente 29 participaram efetivamente da pesquisa, pois alguns/mas deles/as, por motivos pessoais, não quiseram colaborar de forma voluntária com o estudo. A aplicação do questionário ocorreu em uma sala fechada com todos/as os/as participantes juntos/as. Inicialmente, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos/às participantes, com a finalidade de informá-los/as acerca de sua participação na pesquisa e dos objetivos do estudo. Em seguida, foi aplicado o questionário, composto por 27 questões, entre abertas e fechadas.

A presente pesquisa buscou suscitar reflexões acerca das violências praticadas contra docentes no contexto escolar, com vistas a problematizar os direitos e deveres de docentes e discentes, bem como a reafirmar a importância da construção de um ambiente educativo seguro, acolhedor e orientado pelos princípios do respeito e da construção coletiva do conhecimento. Nessa perspectiva, o enfrentamento da violência no espaço escolar constitui passo fundamental para a consolidação de uma escola efetiva em sua função social. Ademais, a redução dessas ocorrências pode contribuir para a melhoria das condições de trabalho dos/as professores/as e, consequentemente, para a diminuição dos episódios de violência no cotidiano escolar.

A violência e suas consequências no contexto escolar

A violência escolar vem crescendo cada vez mais no nosso país, sendo um dos grandes problemas sociais a serem enfrentados, motivos que nos levam a analisar os relatos e episódios de violência ocorridos contra os/as professores/as da rede de ensino público. Diante desse cenário, Sousa e Santos (2015) refletem acerca da violência na contemporaneidade, afirmando que esta se configura como uma das questões mais preocupantes para a sociedade, uma vez que compromete a vida e a integridade física e moral das pessoas, tornando-se cada vez mais presente no cotidiano social. Trata-se de um fenômeno amplamente disseminado no tecido social e progressivamente mais visível, cuja recorrência tende a naturalizar respostas marcadas pela agressividade diante de diferentes manifestações violentas.

A Organização Mundial da Saúde define a violência como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si, contra outra pessoa ou contra um grupo, com possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, prejuízo ao desenvolvimento ou privação (Krug et al., 2002). Essa definição é importante porque amplia a compreensão da violência para além da agressão física, incorporando dimensões simbólicas, emocionais e relacionais. No contexto escolar, tal ampliação permite compreender que insultos, ameaças, humilhações, intimidações, desrespeito sistemático à autoridade pedagógica e agressões verbais também configuram formas de violência, ainda que muitas vezes sejam naturalizadas no cotidiano das instituições educativas.

A violência escolar envolve práticas físicas, verbais, psicológicas, simbólicas e institucionais que afetam estudantes, docentes, técnicos/as e demais sujeitos que compõem a comunidade educativa. Giordani, Seffner e Dell'Aglio (2017) compreendem a violência escolar como uma problemática social de crescente relevância, marcada por sua recorrência e sistematicidade, cujos efeitos incidem tanto sobre as vítimas quanto sobre os agressores, configurando-se como um dos principais desafios da educação brasileira. À luz dessa perspectiva, entende-se que a violência constitui um grave problema social, com destaque, neste estudo, para aquela direcionada aos/às docentes. Considerando que esses/as profissionais desempenham papel central no processo de ensino e aprendizagem, episódios de violência sofridos no ambiente de trabalho podem comprometer o exercício de suas funções e repercutir negativamente em sua prática pedagógica. Além disso, o esgotamento mental e as agressões físicas e psicológicas vivenciadas no contexto escolar podem in-

tensificar tais impactos, reafirmando a violência contra professores/as como um problema educacional que demanda enfrentamento.

Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus/suas funcionários/as. Porém, percebe-se que não apenas os/as alunos/as, mas também o corpo docente das instituições de ensino básico está sujeito a situações de violência no ambiente escolar (Lopes Neto, 2005).

Pinheiro et al. (2020), ao analisarem características da violência contra professores/as de escolas públicas, destacam que a violência verbal aparece como uma das manifestações mais recorrentes, associada a xingamentos, ironias, provocações e desrespeito à figura docente. Segundo Marques (2018, p.1) “o termo violência verbal é um comportamento agressivo, caracterizado por palavras danosas, que têm a intenção de ridicularizar, humilhar, manipular e ameaçar”. Essa modalidade de violência tende a ser menos visibilizada do que a violência física, embora produza impactos profundos sobre a saúde mental, a motivação profissional e a permanência na carreira.

A violência física, por sua vez, embora menos frequente do que a verbal, apresenta forte impacto sobre o sentimento de segurança do/a professor/a no espaço escolar. Melanda et al. (2018) demonstram que a ocorrência de violência física contra docentes deve ser compreendida em articulação com fatores do ambiente escolar, das condições de trabalho e das relações institucionais. A agressão física, nesse sentido, não se reduz ao ato em si, mas expressa um quadro mais amplo de vulnerabilidade profissional, fragilidade das estratégias de mediação de conflitos e ausência de políticas consistentes de proteção aos trabalhadores da educação.

Nessa conjuntura, D’Agostini (2019), analisando estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre violência em escolas, aponta os seguintes resultados:

> Sobre violência em escolas com mais de 100 mil professores, o Brasil lidera o ranking de agressões contra docentes. Dentre os professores ouvidos, 12,5% afirmaram ser vítimas de agressões verbais ou intimidações de alunos. Em São Paulo, segundo levantamento feito pela GloboNews, o número de agressões a professores cresceu 73% em 2018 em relação ao ano anterior. Já dados divulgados sobre uma pesquisa feita pelo Sindicato dos Professores de São Paulo apontam que mais da metade dos docentes da rede estadual de ensino afirmam já ter sofrido algum tipo

> de agressão, sendo a mais comum a agressão verbal (44%), seguida por discriminação (9%), bullying (8%), furto/roubo (6%), e agressão física (5%) (Agostini, 2019, p.1).

Com base nesse estudo, percebe-se que a violência escolar ocorre de diversas formas, explicitando-se através de agressões verbais, físicas, discriminação, bullying, furto/roubo, mas o grande problema é que esse percentual, segundo as pesquisas, vem aumentando cada vez mais no decorrer dos anos, dificultando muito o trabalho docente.

A produção científica brasileira também tem evidenciado que a violência contra professores/as interfere diretamente no exercício da docência. Plassa, Paschoalino e Bernardelli (2021), ao investigarem determinantes e consequências da violência contra professores/as nas escolas brasileiras, apontam que a vitimização docente está relacionada a prejuízos no desenvolvimento das atividades pedagógicas, à alteração do planejamento de ensino e à redução da qualidade das interações escolares. Desse modo, a violência não atinge apenas o/a professor/a individualmente, mas compromete o processo educativo, o clima escolar e a função social da escola.

Além dos impactos sobre o trabalho pedagógico, a violência escolar repercute diretamente na saúde e na trajetória profissional dos/as docentes. Simões e Cardoso (2022) evidenciam a associação entre a violência sofrida por professores/as da rede pública e o esgotamento profissional, destacando que experiências recorrentes de agressão, desrespeito e ameaça podem desencadear sofrimento psíquico, estresse, exaustão emocional e sentimentos de impotência diante do exercício da docência. Em consonância com essa perspectiva, Sousa e Santos (2015) apontam que docentes vitimados/as por violência frequentemente silenciam seu sofrimento, o que pode intensificar quadros de desgaste emocional, depressão e adoecimento, chegando, em alguns casos, à Síndrome de Burnout, compreendida como uma forma de esgotamento mental associada às agressões psicológicas vivenciadas no contexto escolar.

Quando refletimos sobre a associação da violência a fatores institucionais, sociais e relacionais, Lima et al. (2020), em estudo transversal sobre violência contra professores/as do ensino médio, contribuem para compreender que a vulnerabilidade docente pode ser intensificada em contextos de maior precariedade social, fragilidade da gestão democrática, ausência de protocolos de enfrentamento e dificuldade de articulação entre escola, família e rede de proteção. Assim, analisar a violência contra docentes exige considerar tanto as relações imediatas entre professores/as e estudantes quanto as condições estruturais que atravessam a escola pública.

A violência constitui um fenômeno multifacetado, marcado por múltiplas causas e formas de manifestação, podendo ser compreendida como problema social, histórico e sociocultural. Nessa perspectiva, Abramovay (2006) destaca que a violência é um conceito relativo, histórico e mutável, cujos sentidos variam conforme as formas de sociabilidade e o contexto sociocultural em que se insere.

No que se refere aos fatores que potencializam a violência contra os/as professores/as, Oliveira (2014) assinala que esses episódios, em muitos casos, estão relacionados a elementos externos ao espaço escolar, tais como questões de gênero, dinâmicas das relações sociais, influência dos meios de comunicação, contexto social em que a escola se insere, além de condicionantes econômicos e da presença de influências criminosas. Somam-se a esses aspectos problemas familiares, dificuldades de inserção social e escolar, superproteção parental, vivências de abuso e violência doméstica, carências sociais e outras influências negativas. Em situações dessa natureza, o/a docente frequentemente se depara com limites para intervir, uma vez que se trata de fatores extraescolares que dificultam ações imediatas de apoio e enfrentamento.

No âmbito da Educação Física escolar, a violência assume contornos específicos. Diferentemente de outros componentes curriculares, as aulas de Educação Física ocorrem, muitas vezes, em espaços abertos, quadras, pátios ou ambientes menos controlados, marcados por maior circulação corporal, exposição dos/as estudantes, contato físico, jogos, disputas, competições e expressões emocionais intensas. Essas características podem favorecer experiências formativas significativas, mas também podem intensificar conflitos, provocar resistências e tornar o/a professor/a mais exposto/a a episódios de violência verbal e física.

Maitan e Santos (2022), ao investigarem a violência contra professores/as de Educação Física no ensino médio, destacam que a área possui especificidades que precisam ser consideradas na análise da vitimização docente. As autoras apontam que a menor valorização curricular da Educação Física, as dificuldades de reconhecimento de sua intencionalidade pedagógica, os conflitos durante práticas corporais e a exposição dos corpos nas aulas são elementos que atravessam a relação entre violência e trabalho docente. Assim, a violência contra professores/as de Educação Física não deve ser analisada apenas como parte genérica da violência escolar, mas também a partir das particularidades do componente curricular.

A revisão realizada por Vignolo Lucas e Garcia (2024) sobre a produção científica brasileira acerca da violência nas aulas de Educação Física escolar, entre 2017 e 2022, reforça essa compreensão. Os autores indicam que a violência nas aulas de Educação Física envolve múltiplas expressões, incluindo agressões entre estudantes, práticas de exclusão, bullying, conflitos relacionados ao gênero, disputas corporais e tensões na relação professor/a-estudante. Ao mesmo tempo, observam lacunas na formação docente para lidar com situações de violência, o que aponta para a necessidade de políticas formativas que preparem os/as professores/as para a mediação de conflitos, a promoção de convivência democrática e a construção de práticas pedagógicas inclusivas.

No contexto regional, Santos, Taques e Levandoski (2019) realizaram um estudo envolvendo professores/as de Dourados-MS, demonstrando que a violência no cotidiano escolar também se apresenta como problema concreto na realidade local. Os autores identificaram relatos de insultos verbais frequentes e medo em relação à integridade física ao repreender estudantes. Essa pesquisa é especialmente relevante para o presente estudo, pois aproxima a discussão teórica da realidade do município de Dourados, permitindo compreender que a violência contra docentes não é apenas um fenômeno nacional, mas uma questão vivenciada nas escolas da região.

Ainda no contexto de Mato Grosso do Sul, Paiva (2020), em dissertação desenvolvida na Universidade Federal da Grande Dourados, analisou a violência praticada por alunos contra docentes da rede pública de ensino do estado. O estudo contribui para situar a violência contra professores/as como problema regional e evidencia manifestações verbais, físicas e emocionais que afetam o trabalho docente. Essa produção fortalece a pertinência de investigações localizadas, capazes de compreender como a violência se expressa em redes específicas de ensino e em determinados territórios.

Ao analisar de que modo a violência no contexto escolar tem afetado a vida profissional dos/as professores/as de Educação Física, a pesquisa contribui para ampliar o debate sobre saúde docente, condições de trabalho, reconhecimento profissional e políticas institucionais de prevenção. A violência verbal e física não pode ser tratada como ocorrência eventual ou problema individualizado, pois revela tensões estruturais da escola pública e incide diretamente sobre o direito ao trabalho digno, à segurança e à realização da prática pedagógica.

Portanto, compreender a violência contra docentes de Educação Física implica reconhecer que a escola é atravessada por conflitos, disputas e desigualdades, mas também que deve ser espaço de proteção, formação humana e convivência democrática. Nesse

sentido, a produção de conhecimento sobre o tema pode subsidiar ações institucionais voltadas à prevenção da violência, ao fortalecimento da gestão escolar, à valorização docente e à construção de políticas públicas que assegurem melhores condições de trabalho aos/às profissionais da educação.

Violência contra docentes no contexto escolar: percepções e sentidos em Dourados/MS

Nesta seção, apresentamos, inicialmente, os dados de caracterização dos/as participantes da pesquisa e, em seguida, a análise das respostas obtidas, com vistas à compreensão das percepções e dos sentidos atribuídos pelos/as docentes às experiências de violência no contexto escolar

O questionário foi aplicado a 29 docentes, solicitando autoidentificação para definição do perfil. Destes, 20 se identificaram como do sexo feminino e 9 do sexo masculino. A média da idade dos/as professores/as foi de 41,4 anos, com idade mínima de 25 e máxima de 56 anos. Houve predominância de pessoas do sexo feminino (69%) e raça/cor branca (58,6%), com a presença de um docente indígena (3,5%) e 10 docentes pardos/as (34,5%).

Quadro 1 - Perfil dos/as participantes

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	20	69%
Masculino	9	31%
Idade (anos)		
Até 40	14	48,3%
41 ou mais	15	51,7%
Tempo de atuação profissional		
De 1 até 9 anos	8	27,6%
De 10 até 19 anos	14	48,3%
De 20 até 35 anos	7	24,1%
Raça/Cor		
Amarela	0	0%
Branca	17	58,6%
Indígena	1	3,5%
Parda	10	34,5%

contínua

Variáveis	N	%
Preta	0	0%
Não respondeu	1	3,5%

Fonte: autores (2020).

Após a caracterização dos/as participantes, passou-se à análise das percepções e dos sentidos atribuídos pelos/as docentes às experiências investigadas. A primeira questão abordou a relação entre docentes e discentes. Os dados indicam que 65,5% dos/as participantes avaliaram esse relacionamento como excelente, enquanto 31% o classificaram como bom. Nenhum/a docente afirmou manter uma relação ruim com seus/suas alunos/as. Esse resultado evidencia a relevância da relação pedagógica no contexto escolar, uma vez que vínculos positivos entre professores/as e estudantes tendem a favorecer o processo de ensino e aprendizagem, bem como contribuir para a construção de um ambiente de trabalho mais saudável.

No que se refere à violência física, quando questionados/as se já haviam vivenciado episódios relacionados a “atos de violência” no ambiente escolar, 44,8% dos/as participantes responderam afirmativamente. Ao descreverem tais experiências, uma docente relatou: “um aluno me agrediu em aula, ficando assim mais de 6 meses com o braço engessado. Ele era um menor infrator e designado pela justiça a ficar na escola” (F45)[3]. O relato evidencia que a violência física pode produzir impactos significativos sobre o exercício da docência, ocasionando afastamento prolongado das atividades profissionais, comprometimento da integridade física e repercussões sobre a atuação pedagógica. Outra participante mencionou um episódio semelhante envolvendo um colega de trabalho: “presenciei, mas nunca fui agredida por nenhum aluno. Já vi professor sendo agredido a chutes, palavrões e com objetos” (F56).

Os relatos apresentados permitem observar que a violência física, articulada a situações de indisciplina, integra o cotidiano escolar e impõe obstáculos ao desenvolvimento do trabalho docente. O fato de 44,8% dos/as participantes terem relatado ter sofrido e/ou presenciado agressões físicas no ambiente escolar revela a relevância dessa proble-

3 Os/as participantes da pesquisa foram classificados segundo seu gênero (Masculino – M e Feminino – F, conforme identificação no questionário que continha 3 opões – M, F e outros) e idade, para melhor identificação. Quando gênero e idade se repetem, optou-se pela inclusão de letras crescentes para identificar sujeitos diferentes, como M26a, M26b, e assim por diante.

mática para a compreensão das condições de trabalho dos/as professores/as. Nessa direção, Moura e Prodócimo (2017, p.49) assinalam que a indisciplina escolar constitui um fenômeno que gera dificuldades significativas para docentes e estudantes, prejudicando o andamento das aulas e as relações entre os sujeitos que compõem a escola. Diante desse cenário, torna-se necessária a articulação de ações educativas e institucionais voltadas à conscientização, à prevenção e à promoção de um ambiente escolar seguro.

Além disso, faz-se necessária uma atuação mais efetiva das diferentes instâncias de proteção e responsabilização, como a escola, o conselho tutelar e os dispositivos legais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 2001) e no Código Penal, de modo a assegurar o encaminhamento adequado dos casos de violência, respeitando-se as especificidades etárias dos/as envolvidos/as. Todavia, cabe destacar que a prevenção da violência não pode se restringir à aplicação de sanções, mas deve igualmente envolver processos formativos e reflexivos que favoreçam a compreensão de direitos, deveres e responsabilidades por parte de toda a comunidade escolar.

Outro relato evidencia que a violência física também se manifesta na Educação Infantil: “um aluno da educação infantil, fui chamar a atenção do mesmo, pois estava batendo nos colegas e machucando. Ele não aceitava ser chamado a atenção, me chutou, mordeu e arranhou meu braço” (F44). Tal depoimento demonstra que a ocorrência de comportamentos violentos não se restringe a etapas posteriores da escolarização, indicando a complexidade social e relacional desse fenômeno. Nesse sentido, a literatura ressalta a importância da participação da família na construção das primeiras noções de ética, respeito e convivência social, aspecto que repercute diretamente nas relações estabelecidas no espaço escolar. Rosa (2010, p.150), ao tratar dessa questão, enfatiza que:

> As famílias precisam estar atentas ao comportamento dos filhos dentro e fora da escola, relação com professores e colegas, cumprimento das atividades, respeito ao próximo, frequência as aulas, contado com a direção da escola e professores, vigiar amizades, é preciso estar a par da situação. Se a família se compromete com seu papel estará contribuindo com o bom andamento escolar do aluno.

A família desempenha papel central no processo de socialização da criança, sendo uma das principais responsáveis pela transmissão de valores, limites e formas de convivência social. A construção dessas referências desde a infância pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito em relação aos/às professores/as, aos/às colegas e às normas de convivência escolar. Desse modo, embora a escola também atue na

formação ética e social dos/as estudantes, a participação da família mostra-se fundamental na prevenção de comportamentos agressivos, indisciplinados e violentos no contexto educacional.

No que se refere à violência verbal, o percentual registrado foi superior ao observado para a violência física. Quando questionados/as se já haviam recebido ou vivenciado insultos verbais por parte de seus/suas alunos/as, 55,1% dos/as participantes responderam afirmativamente. Esse dado evidencia a relevância da violência verbal no cotidiano escolar e seus possíveis impactos sobre o exercício da docência, uma vez que tais experiências podem comprometer as condições de trabalho dos/as professores/as e repercutir negativamente no processo de ensino e aprendizagem. Nessa direção, Melanda et al. (2018, p.8) assinalam que “A violência no ambiente de trabalho tem consequências importantes na saúde física e psicológica, além de prejudicar os objetivos mais amplos da escola, como educar, ensinar e aprender”.

Os/as docentes que responderam afirmativamente foram convidados/as a descrever episódios de violência verbal vivenciados por eles/as ou presenciados no contexto de trabalho. Entre as manifestações mais recorrentes identificadas nos relatos, destacam-se os xingamentos. Tal achado corrobora o estudo de Macedo e Bomfim (2009), segundo o qual os xingamentos constituem uma forma de violência presente no cotidiano escolar, manifestando-se não apenas nas interações entre estudantes, mas também nas relações de alunos/as com professores/as.

Alguns relatos de xingamento ocorrido contra os professores/as:

> **F42:** alunos tratando professores com xingamentos.
> **M47:** alunos que tumultuam a aula e o professor chama a atenção eles não aceitam xingam o professor sem respeito nenhum.
> **F36:** xingamentos, sempre alunos que tem história de uso de drogas e que veio da UNEI[4].
> **F49:** xingamentos com palavrões de baixo calão.
> **F45:** chamada de chata, boba, nojenta, bruxa e palavrões.
> **F44:** fui chamada de chata, vai tomar no c..., vai se fuder, etc.

4 Unidades Educacionais de Internação (UNEIS). São instituições que acolhem adolescentes em conflito com a lei e teriam como papel a reeducação e ressocialização desses/as adolescentes tidos/as como infratores/as. Infelizmente, as instituições não tem cumprido a sua função social, conforme apontado pelo Juiz da Vara da Infância e Juventude de Dourados, Zaloar Murat Martins de Souza, em entrevista à mídia douradense (disponível em: https://www.douradosagora.com.br/noticias/dourados/unei-e-deposito-de-menores-diz-juiz).

Com base nesse estudo, percebemos que a violência verbal no ambiente escolar tem sido relatada com frequência nas pesquisas no campo educacional (Matos; Viana; Gurgel, 2012; Sousa; Santos, 2015; Pereira; Zuin, 2019; Melanda *et. al*, 2018; Simões; Cardoso, 2022; Pinheiro *et al.,* 2020).

Os dados e relatos analisados indicam que a violência verbal tem se mostrado uma manifestação recorrente no cotidiano escolar, o que tende a dificultar o enfrentamento desses episódios por parte dos/as docentes, especialmente em contextos marcados pela insuficiência de suporte institucional. Entre as formas de violência verbal identificadas, destacam-se os insultos e ameaças, que produzem sentimentos de insegurança, medo e vulnerabilidade. Ao serem questionados/as sobre o recebimento ou a vivência de insultos verbais por parte de seus/suas alunos/as, uma docente relatou: “o aluno disse que se ficasse de recuperação iria mandar o primo que é ‘bandido’ do bairro ter uma conversa comigo” (F37). Esse tipo de relato evidencia que a violência verbal pode ultrapassar o âmbito do desrespeito cotidiano, assumindo contornos intimidatórios que afetam a autoestima, o sentimento de segurança e a percepção de proteção por parte do/a professor/a.

Em situações dessa natureza, o encaminhamento institucional do caso torna-se fundamental, envolvendo a comunicação à gestão escolar e, quando necessário, o acionamento de instâncias de proteção e segurança, como a guarda municipal e o conselho tutelar, a fim de viabilizar a adoção de medidas cabíveis. Contudo, mesmo diante desses procedimentos, os efeitos subjetivos da violência tendem a persistir, uma vez que o sentimento de insegurança frequentemente permanece no imaginário docente. No caso relatado, por exemplo, a ameaça verbal não se restringe ao momento da ocorrência, mas projeta o medo de possíveis agressões futuras, dentro ou fora do espaço escolar.

Os relatos apresentados também apontam para a influência de fatores extraescolares na constituição de comportamentos violentos no ambiente escolar. Nesses casos, o/a docente frequentemente encontra limites para intervir, uma vez que tais manifestações se articulam a vivências sociais e familiares que extrapolam o espaço da escola. A reprodução de práticas agressivas no cotidiano escolar pode estar relacionada aos modos de sociabilidade experimentados por crianças e adolescentes em outros contextos, nos quais o conflito, o desrespeito e a violência se tornam referências naturalizadas de interação. Nessa direção, Pereira e Zuin (2019, p.6) discutem essa problematização:

> De forma quase unânime, os professores apontam o contexto extraescolar como desencadeador da violência que ocorre na escola. Argumentam que os alunos ape-

> nas reproduzem o que vivem em seu dia a dia, por estarem inseridos em ambientes classificados como desestruturados e violentos, onde se presume que sejam frequentemente submetidos a desrespeitos e humilhações de todas as ordens, acabam assimilando esses comportamentos como padrões de conduta e utilizando-os em qualquer lugar ou circunstância.

Com base na análise dos dados, observa-se que a violência verbal integra de modo significativo a vida profissional dos/as docentes, tendo em vista que mais da metade dos/as participantes relatou ter sofrido esse tipo de agressão por parte de alunos/as. Em diálogo com outros estudos, esse resultado reforça a centralidade da violência verbal como expressão do desgaste das relações pedagógicas e da fragilização da autoridade docente no espaço escolar. Nessa perspectiva, Matos, Viana e Gurgel (2012, p.6) afirmam que “os professores estão cada vez mais desgastados com a profissão e o desrespeito dos alunos contribui em grande parte para isso, pois sem o mínimo de autoridade, os professores não podem executar seu trabalho”. Assim, os dados desta pesquisa sugerem que a recorrência de desrespeito, indisciplina e ameaças no cotidiano escolar compromete o exercício da docência e pode repercutir negativamente na satisfação profissional e na qualidade do ensino.

Desse modo, a violência escolar configura-se como um fenômeno social e educacional que extrapola episódios isolados, incidindo diretamente sobre as relações pedagógicas e sobre as condições de trabalho docente. Em contextos marcados pela recorrência de desrespeito e intimidação, os/as professores/as enfrentam maiores dificuldades para sustentar sua autoridade pedagógica e desenvolver o trabalho educativo em condições adequadas, o que pode comprometer a qualidade do ensino e a efetivação da função social da escola.

No que se refere aos impactos da violência na vida profissional docente, uma das questões do instrumento investigou a percepção dos/as participantes acerca dessa relação. Entre os/as docentes que relataram ter sofrido algum tipo de violência (55,1%), 31% afirmaram que essas experiências repercutem de alguma forma em sua vida profissional. Esse resultado indica que, embora uma parcela dos/as professores/as reconheça os efeitos da violência sobre o exercício da docência, nem todos/as percebem tais ocorrências como fator de prejuízo direto à sua atuação, à saúde mental ou ao bem-estar físico, o que sugere diferentes formas de elaboração e enfrentamento dessas experiências no cotidiano escolar.

Esse resultado pode ser interpretado como indício da naturalização da violência no cotidiano escolar, na medida em que a recorrência dessas experiências entre profissionais da educação tende a banalizar suas manifestações e a dificultar o reconhecimento objetivo de seus efeitos e consequências. Ainda que nem sempre sejam explicitamente mensura-

dos, tais impactos podem incidir sobre a motivação, o envolvimento e o empenho docente no exercício do trabalho pedagógico. Por outro lado, observa-se que alguns/mas docentes, orientados/as por um compromisso ético e formativo com a educação, mobilizam estratégias de enfrentamento voltadas à melhoria do ambiente escolar, buscando lidar com as tensões produzidas pelas diferentes formas de violência e superar os obstáculos impostos ao exercício da docência.

Quando questionada sobre os impactos da violência em sua vida profissional, uma docente afirmou que tais experiências não a afetam negativamente, mas a impulsionam a atuar de forma ainda mais intensa na transformação desse cenário: “não me afeta, me faz ter mais vontade de trabalhar para mudar” (F37). Esse relato sugere que, para alguns/mas professores/as, a vivência da violência pode ser ressignificada como elemento mobilizador de estratégias de resistência e enfrentamento. Contudo, essa não é a realidade de todos/as os/as participantes, uma vez que outros/as docentes relataram, de forma sintética, que a violência “me desmotiva” (F46, F44, F43, F33, M45).

Os dados obtidos por meio dos questionários reforçam essa compreensão, uma vez que alguns/mas docentes que reconheceram impactos da violência em sua vida profissional relataram sinais de sofrimento psíquico e adoecimento emocional. Entre os efeitos mencionados, destacam-se o aumento do estresse e a desmotivação para a docência (F33), a ocorrência de crise de ansiedade no ambiente profissional (F36) e sentimentos de impotência e tristeza (F44). Tais relatos evidenciam que a violência pode comprometer de maneira significativa o cotidiano de trabalho, interferindo no bem-estar, na motivação e nas condições de permanência desses/as profissionais no exercício da docência.

A desmotivação mencionada pelos/as participantes pode ser compreendida à luz da percepção de que a violência escolar não se altera apenas pela ação individual do/a professor/a, uma vez que se trata de fenômeno social atravessado por múltiplos fatores, entre os quais se destacam a socialização familiar, as condições de vida e o contexto social mais amplo. Nessa direção, Matos, Viana e Gurgel (2012), ao investigarem o grau de motivação de professores/as em relação ao exercício da profissão, identificaram que parte dos/as entrevistados/as não se sentia motivada a desempenhar o trabalho docente em razão da ausência de proteção institucional, da precariedade do ensino, da falta de interesse dos/as estudantes e da percepção de que a escola vem assumindo atribuições que, em grande medida, seriam da família. Tal cenário evidencia que a violência e a desvalorização docente se articulam às condições estruturais que fragilizam o exercício profissional e a permanência na carreira.

CC BY NC SA

Em consonância com esses achados, outros estudos também apontam a presença de desmotivação entre docentes, associada à precariedade das condições de ensino, à fragilidade do reconhecimento profissional e à sobrecarga decorrente da ampliação das responsabilidades atribuídas à escola. Nesse contexto, a orientação de estudantes para que busquem outras áreas de formação, em detrimento das licenciaturas, pode ser interpretada como expressão simbólica do desgaste e da desvalorização social da profissão docente.

No que se refere aos impactos da violência sobre a saúde docente, Andrade e Cardoso (2012) destacam que tais experiências podem desencadear transtornos psicológicos, como ansiedade e estresse, além de contribuir para quadros de Síndrome de Burnout, associados às pressões e expectativas que recaem sobre esses/as profissionais. Nessa perspectiva, a violência física e verbal afeta a autoestima docente, intensifica o sofrimento psíquico e pode resultar em afastamentos, licenças, abandono da profissão, precarização das condições de trabalho e adoecimento mental. De modo convergente, Oliveira (2014, p.18) assinala que a vivência da violência pode provocar alterações comportamentais importantes, como falta de atenção, baixa autoestima, desprezo pela profissão, instabilidade de humor e agressividade.

Considerações finais

Os resultados deste estudo evidenciam que a violência contra docentes de Educação Física nas escolas municipais de Dourados/MS constitui uma problemática recorrente e relevante no contexto escolar. Os dados indicam que parte expressiva dos/as participantes já vivenciou situações de violência física e verbal, sendo esta última a manifestação mais frequente. Tais achados reforçam que a violência contra professores/as não se configura como episódio isolado, mas como expressão de tensões presentes no cotidiano escolar e nas relações entre escola e sociedade.

A análise realizada permite afirmar que a violência repercute de maneira significativa na vida profissional dos/as docentes, produzindo efeitos como desmotivação, estresse, ansiedade, insegurança e sentimentos de impotência e tristeza. Além de comprometer a saúde e o bem-estar dos/as professores/as, essas experiências afetam o exercício da docência, fragilizam as relações pedagógicas e podem prejudicar a qualidade do ensino. Desse modo, a violência escolar atinge não apenas os/as profissionais diretamente vitimados/as, mas também o processo de ensino e aprendizagem e a função social da escola.

CC BY NC SA

Diante desse cenário, tornam-se fundamentais a formulação e o fortalecimento de ações institucionais e políticas públicas voltadas à prevenção e ao enfrentamento da violência contra docentes, incluindo medidas de proteção, acompanhamento, apoio psicossocial e formação para mediação de conflitos. Além disso, evidencia-se a necessidade de maior articulação entre escola, família, poder público e rede de proteção, de modo a promover ambientes escolares mais seguros, democráticos e acolhedores. Por fim, destaca-se a importância da ampliação de estudos sobre a temática, especialmente em contextos locais e regionais, a fim de subsidiar intervenções mais consistentes em defesa da valorização docente e da qualidade da educação.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

ANDRADE, Patrícia Santos de; CARDOSO, Telma Abdalla de Oliveira. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 129-140, 2012.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8.069/1990. Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2001.

D'AGOSTINI, Ana Carolina. *Brasil lidera índice de violência contra professores*. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/17609/brasil-lidera-indice-de-violencia-contra-professores-o-que-podemos-fazer. Acesso em: 10 nov. 2020.

GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 1, p. 103-111, 2017.

KRUG, Etienne G. et al. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: https://dspace.mj.gov.br/handle/1/12736. Acesso em: 11 maio 2026.

LEVANDOSKI, Gustavo; OGG, Fabiano; CARDOSO, Fernando Luiz. Violência contra professores de Educação Física no ensino público do Estado do Paraná. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 17, n. 3, p. 374-383, 2011.

LIMA, Patrícia Viana Carvalhedo et al. Prevalência e fatores associados à violência contra professores em escolas do ensino médio em Teresina, Piauí, 2016: estudo transversal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 1, e2019159, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ress/v29n1/2237-9622-ress-29-01-e2019159.pdf. Acesso em: 11 maio 2026.

LIMA, Alyne Fernanda Torres de; COÊLHO, Vanessa Maria da Silva; CEBALLOS, Albanita Gomes da Costa de. Violência na escola e transtornos mentais comuns em professores. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, n. 18, p. 31-36, 2017.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MAITAN, Carolina Quintas; SANTOS, Doiara Silva dos. Violência contra professores: realidades da Educação Física no ensino médio de escolas de uma cidade mineira. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-20, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/83597. Acesso em: 11 maio 2026.

MACEDO, Rosa Maria de Almeida; BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Violências na escola. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 605-618, 2009.

MARQUES, José Roberto. *O que é violência verbal?* Instituto Brasileiro de Coaching. Disponível em: https://www.ibccoaching.com.br/portal/o-que-e-violencia-verba/. Acesso em: 22 set. 2019.

MATOS, Alex da Silva; VIANA, Samanda Silvéria Alves; GURGEL, Carmesina Ribeiro. *A violência contra professores*: saberes e práticas. Campina Grande: Realize Editora, 2012.

MELANDA, Francine Nesello et al. Violência física contra professores no espaço escolar: análise por modelos de equações estruturais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, e00079017, 2018.

MOURA, Dirley Aparecido de; PRODÓCIMO, Elaine. Indisciplina escolar na perspectiva de docentes e gestores de escolas estaduais de Indaiatuba/SP. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 47-63, 2017.

OLIVEIRA, Aldaberto Henrique da Cunha. *Agressões e violências contra professores nas escolas públicas*. Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

PAIVA, Sandro Ramos. *A violência praticada pelos alunos contra os docentes da rede pública de ensino do estado de Mato Grosso do Sul*. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020. Disponível em: http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4035. Acesso em: 11 maio 2026.

PEREIRA, Antônio Igo Barreto; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Autoridade enfraquecida, violência contra professores e trabalho pedagógico. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 35, n. 76, p. 1-21, 2019.

PINHEIRO, Francisco Pablo Huascar Aragão et al. Características da violência contra professores de escolas públicas. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 20, n. esp. 1, p. 1-12, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692020000400003&script=sci_abstract. Acesso em: 11 maio 2026.

PLASSA, Wander; PASCHOALINO, Pietro André Telatin; BERNARDELLI, Luan Vinicius. Violência contra professores nas escolas brasileiras: determinantes e consequências. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 247-271, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-6351/5798. Acesso em: 11 maio 2026.

ROSA, Maria José Araujo. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino-aprendizagem. *GEPIADDE*, v. 8, n. 4, p. 1-16, 2010.

SANTOS, Otavio Henrique Rodrigues dos; TAQUES, Marcelo José; LEVANDOSKI, Gustavo. A violência no cotidiano escolar: um estudo envolvendo professores de Dourados-MS. *Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas*, Ponta Grossa, v. 27, n. 2, p. 175-183, 2019. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/13452. Acesso em: 11 maio 2026.

SIMÕES, Elaine Cristina; CARDOSO, Maria Regina Alves. Violência contra professores da rede pública e esgotamento profissional. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 1039-1048, 2022. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/003075319. Acesso em: 11 maio 2026.

SOUSA, Jadenilza Conceição Costa; SANTOS, Juliano Ciebre dos. A violência escolar contra o professor no ensino fundamental na Escola Municipal Beija-Flor segundo depoimento dos professores/Guarantã do Norte-MT. *Nativa: Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso*, v. 4, n. 2, p. 1-11, 2015.

VALE, João Henrique. *Lei para conter violência contra professores e servidores da educação*. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/07/28/interna_gerais,887460/lei-para-conter-violencia-contra-professores-e-servidores-da-educacao.shtml. Acesso em: 10 nov. 2020.

VIGNOLO LUCAS, Francisco de Assis Menezes; GARCIA, Rafael Marques. Violência nas aulas de Educação Física escolar: uma revisão da produção científica no Brasil de 2017 a 2022. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 36, n. 67, p. 1-24, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/96668. Acesso em: 11 maio 2026.